

Operação Banif

A injeção de 1,1 mil milhões é uma iniciativa de elevado risco, já que o banco vale menos, reconhecem os economistas. Ainda assim, dizem, é preferível ajudar a nacionalizar

POR JOÃO PAULO VIEIRA E PAULO M. SANTOS*

'Se há algo que a experiência BPN deixou bem evidente é que o Estado é incompetente a liquidar um banco.» O economista Paulo Soares de Pinho, doutorado em Banca e Finanças na City University Business School, de Londres, não tem dúvidas: «Nacionalizar ou deixar cair, com todo o descrédito que isso traria ao País... julgo que é melhor ajudar.»

Ainda no rescaldo da gigantesca despesa que a nacionalização do BPN representou para os cofres do Estado, os contribuintes perguntam se não existe o risco de o Banif ter um percurso semelhante. Uma fonte ligada ao processo que levou à aprovação do programa de ajuda àquela instituição financeira do Faial garante que «o banco foi escrutinado de alto a baixo» e que «nada tem a ver com o BPN, que era um caso de polícia.»

Para o Estado, e se tudo correr pelo melhor, este até não é um mau negócio, reconhece Paulo Pinho, professor da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa. «O Estado empresta dinheiro aos bancos, cobrando um bom spread [no caso do Banif aproxima-se dos 6%, pois o Estado financia-se junto da troika a uma taxa média de 3,7% e emprestando a um juro inicial de 9,5%]. Além disso, os bancos utilizam o dinheiro para comprar dívida pública portuguesa.» E ainda se comprometem a injetar dinheiro na economia real, ou seja, a emprestar mais dinheiro às empresas. ▶



BANIF

€1,1 mil milhões, ao abrigo do programa de assistência financeira

→ €700 milhões em ações especiais*

→ €400 milhões em títulos ISE**

Estado

€450 milhões
Aumento de capital, até junho de 2013

→ €100 milhões de euros
deverão ser subscritos pelos
dois principais acionistas do banco,
a Rentipar e a Auto-Industrial

Investidores
privados

Quanto pode ganhar o Estado?

A taxa de juro pode variar ao longo do empréstimo, com a duração de 5 anos, mas começa nos 9,5%, e, como o Estado está a financiar-se junto da *troika* a uma taxa média de 3,7%, as contas são simpáticas.

Spread = 5,8%

* Têm prioridade na distribuição dos dividendos. O Estado nunca receberá menos de 30% do total dos lucros distribuídos aos acionistas

** Instrumentos de capital remunerados a uma taxa anual inicial de 9,5%, convertíveis em ações se o Banif não cumprir

Recapitalização Retrato dos bancos 'ajudados'

Estes são os principais indicadores das instituições financeiras que beneficiaram de capitais públicos para recompor os seus níveis de solvabilidade



CGD



Millennium BCP



BPI



BANIF

Dados referentes aos primeiros 9 meses de 2012

Indicador	CGD	Millennium BCP	BPI	BANIF
Lucros em milhões de euros	-130	-796,3	117	-254,5
Valores em milhares de milhões de euros				
Ativo líquido	111,7	89,2	45,2	15,8
Crédito a clientes	76,4	64,9	27,4	11,3
Crédito para habitação	33,5	29,8	11,8	3,3
Depósitos de clientes	71,4	47,2	24,2	8,1
Ajuda estatal	1,65	3	1,5	1,1

FONTE Bancos

INFOGRAFIA VISÃO

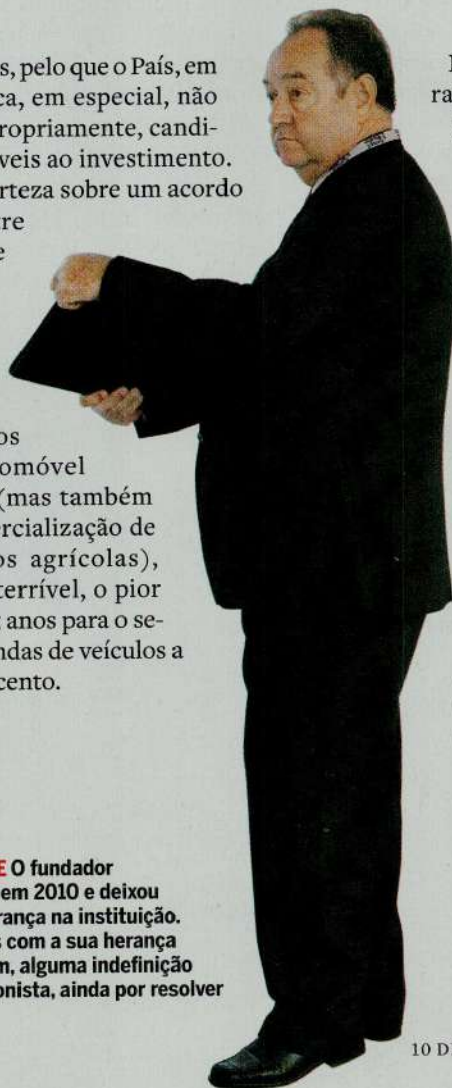
acionista e líder do banco, a instituição iniciou um período conturbado de quase orfandade. Fontes da instituição garantem que «desde que Horácio Roque deixou a liderança, tem-se sentido falta de um homem que mande, de uma forte liderança.» Para tentar estancar este foco de instabilidade, o banco foi buscar Jorge Tomé, ex-administrador da Caixa Geral de Depósitos, para o liderar.

Por outro lado, as desavenças familiares, que estalaram durante o processo de herança, também não ajudaram a estabilizar a gestão, nem a estrutura acionista, outro dos pontos sensíveis apontado pelos analistas. «Há uma indefinição acionista, o banco precisa de uma injeção de capital significativa e vai ter de encontrar uma nova casa», sintetiza Paulo Pinho. É aqui que entramos num dos pontos mais frágeis de toda esta operação: existe o compromisso do Banif de aumentar o seu capital em 450 milhões de euros, recorrendo a fundos privados, até junho deste ano. Os dois principais acionistas – Rentipar, a holding da família Roque, e a Auto-Industrial – comprometem-se a subscrever, pelo menos, 100 milhões de euros.

O mercado não está favorável, as perspectivas para a economia portuguesa não

são as melhores, pelo que o País, em geral, e a banca, em especial, não constituem, propriamente, candidatos irresistíveis ao investimento. Acresce a incerteza sobre um acordo definitivo entre os herdeiros de Horácio Roque. E o grupo Auto-Industrial, um dos maiores e mais antigos do setor automóvel em Portugal (mas também ligado à comercialização de equipamentos agrícolas), teve um ano terrível, o pior dos últimos 25 anos para o setor, com as vendas de veículos a caírem 47 por cento.

HORÁCIO ROQUE O fundador do Banif morreu em 2010 e deixou um vazio de liderança na instituição. As complicações com a sua herança geraram, também, alguma indefinição na estrutura acionista, ainda por resolver



No rescaldo desta operação, o Estado já injetou 5,6 mil milhões de euros em três bancos privados – 3 mil milhões no BCP, 1,5 mil milhões no BPI e 1,1 mil milhões no Banif. A Caixa Geral de Depósitos já tinha recebido, também no ano passado, 1,65 mil milhões de euros para aumentar os seus capitais. Ainda sobram 4,75 mil milhões de euros do montante emprestado pela troika – 12 mil milhões de euros – especificamente destinado à recapitalização dos bancos. Provavelmente, não ficarão sem destino, a avaliar pela análise de Paulo Pinho: «Não vejo como é que o mercado imobiliário – que é o grande causador de preocupações nos três maiores bancos privados e na CGD – vai recuperar nos próximos anos.»

*COM CLARA TEIXEIRA